

OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA GUARANI NO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE RS

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES E PRIMEIRA DATAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO [RS-71-C] DA ILHA FRANCISCO MANOEL

*Patricia Laure Gaulier**

RESUMO

Este artigo apresenta os primeiros resultados das pesquisas sobre a ocupação de grupos Guarani pré-históricos no município de Porto Alegre-RS, Brasil. As prospecções concentraram-se na zona sul da cidade, onde projetos anteriores de prospecções evidenciaram zonas potenciais. Um primeiro sítio foi encontrado e registrado na Ponta do Arado e um segundo sítio na ilha Francisco Manoel foi parcialmente escavado. Os dois sítios, nas margens do rio Guaíba, evidenciaram uma ocupação por grupos Guarani. Foi possível obter a primeira datação de ocupação pré-histórica indígena da região. Os dados ainda parciais oferecem elementos sobre as características ambientais e determinam áreas potenciais para as pesquisas.

Palavras-Chave: Arqueologia Pré-Histórica; Assentamentos Guaranis; Porto Alegre (RS).

ABSTRACT

This paper presents the first results from the studies about Guarani prehistoric groups occupation in Porto Alegre-RS, Brazil. The surveys were centralized on the south section of the town where earlier projects have signalized potential sectors. A first site was found and registered in the Ponta do Arado, the second site in the island Francisco Manoel was partly excavated. Both of them, situated on the margin from the Guaíba, proved to show a Guarani groups occupation, a first datation from a prehistoric indigenous occupation in the region was obtained. The still partial dates give elements about the environmental particularities and establish the potential zones for researches.

Key-Words: Prehistoric Archaeology; Guarani's Settlements; Porto Alegre (RS).

* Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná MAE/UFPR – E-mail 2bee@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os primeiros resultados das pesquisas arqueológicas que confirmam a ocupação de grupos Guarani pré-históricos no Município de Porto Alegre RS, na zona sul da cidade, no sítio arqueológico [RS-JÁ-16] da Ponta do Arado e na Ilha Francisco Manoel, sítio [RS-71-C]. Esse trabalho corresponde a meu projeto de pesquisa "*Os assentamentos Guarani Pré-Históricos no município de Porto Alegre*" e foi desenvolvido em duas fases: a primeira durante o período de 01/10/98 a 31/08/99 e a segunda durante o período de 01/09/99 a 31/03/2000.¹

DADOS SOBRE A OCUPAÇÃO INDÍGENA NO MUNICÍPIO

Meu primeiro passo foi o estudo dos dados sobre as ocupações indígenas nas fontes arqueológicas e históricas.

O Rio Grande do Sul pertence à antiga região do Tape, constituída pela zona oeste do Rio Uruguai, das suas fontes até o Rio Ibicuy, pela região da Serra dos Tapes, que pertence, atualmente, ao Estado do Rio Grande do Sul, e pela zona costeira do Atlântico. Nesta região, os Jesuítas foram os primeiros europeus a entrar em contato com os indígenas.

As cartas jesuíticas do Tape (Cortesão: 1969) mencionam que a última população indígena presente, os Guaranis, começou a ser destruída ao longo do século XVII a partir da chegada dos europeus, trazendo as epidemias de novas doenças e procurando escravos. As cartas enviadas à Coroa Portuguesa (Andrada: 1927, 1928, 1929) revelam que, em meados do século XVIII, os Guaranis e os outros povos não ocupavam mais a região circunvizinha do atual município de Porto Alegre. A existência de grupos Guarani ou Gê é indicada no litoral norte do Rio Grande do Sul (Rodrigues: 1940). Após 1750, os únicos indígenas presentes em Porto Alegre e arredores foram os 2.500 transmigrados das Sete Reduções.²

Os primeiros historiadores do fim do século XIX que trataram da ocupação indígena em Porto Alegre misturaram as diferentes populações, falando de *Guarani*, de

Tape de Minuano, ou mesmo de *grande nação Tape-Minuano*. Como os colonizadores que denominaram os povos em função do local de ocupação, os autores não diferenciaram nem identificaram os diferentes povos (Schmitz, 1991) e as informações ficaram confusas. Porém, sabemos que os Minuanos, os Kaingangs e os Guaranis pertencem a troncos lingüísticos distintos, Gê ou Tupi, e apesar de certas semelhanças, cada povo tem suas especificidades. Por exemplo, na forma de interação com o meio ambiente e no estabelecimento de seus assentamentos.

As fontes arqueológicas oferecem pouquíssimos dados sobre a ocupação indígena em Porto Alegre e redondezas. O assunto nunca despertou grande interesse nos pesquisadores, porém, a escassez dos dados não reflete a real presença de sítios de ocupação indígena. A maioria dos pesquisadores presumiu que os sítios indígenas pré-históricos tinham sido destruídos e não desenvolveu projetos na área, conseqüentemente, o Município de Porto Alegre não se beneficiou de projetos arqueológicos sistemáticos, até o início da década de 1990.

Portanto, algumas indicações de sítios arqueológicos existem nos arquivos. Nas fontes bibliográficas, encontramos, em 1875 (Caldre e Fião, 1943), a primeira indicação de sítios arqueológicos na zona sul da cidade, em Ipanema, no Passo da Areia e no Morro do Osso, sendo que nestes dois últimos sítios não foram encontrados vestígios. Porto Alegre (1906 : 6) repete os dados de Caldre e Fião e menciona três outros sítios: Santa Teresa, Várzea do Gravataí e Itapuã. Mais tarde, Spalding (1939, 1940, 1943) repete estas informações e indica sítios localizados na zona sul da cidade: Ilha Francisco Manoel, Ponta dos Coatis, Ponta do Arado e Morro do Espírito Santo. Os povos indígenas ligados a estas informações seriam: os Charrua, Arachane ou Patos e os Tapes (Spalding, 1967 : 13). Segundo as informações do Dr. Sebastião Leão, mencionadas em 1900, (Spalding, 1943), perto da capela de Viamão, da várzea do Gravataí, de Santa Teresa e mesmo no centro da cidade, se encontravam diversas "tabas" de Tapes e Minuano. O

¹ Projeto de Pesquisa: *Os assentamentos Guarani Pré-Históricos no Município de Porto Alegre*. Suporte financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), através da concessão de Bolsa de Pesquisadora Visitante à autora. Apoio institucional: entre outubro de 1998 e agosto de 1999, Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NUPARQ), Departamento do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e entre setembro de 1999 e março de 2000, Museu Joaquim José Felizardo, Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.

² Santo Ângelo, São João Batista, São Nicolau, São Luís, São Miguel e São Borja, instalados na Aldeia dos Anjos, atual cidade de Gravataí. (AHRGS, 1990).

autor menciona, também, grandes plantações de mandioca e de inhame, indicadoras de presença humana nas encostas das colinas, que foram denominadas mais tarde Morro Santa, na Cascata e Cristal.

AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

Entre 1960 e 1980, algumas intervenções arqueológicas foram realizadas com prospecções, coletas de superfície e pequenas escavações, porém, os autores não publicaram os dados coletados. Em 1992, S.B.Silva, arqueólogo responsável pelo Programa de Pesquisas Arqueológicas na Região de Itapuã, menciona informações orais sobre a existência de onze sítios ao sul de Porto Alegre e no Município de Viamão: sete sítios de Tradição Tupiguarani, dois de Tradição Umbu e um sítio com o material das duas Tradições³; contudo, não sabemos se podemos somá-los aos outros sítios conhecidos na década de 1940. Existiam, também, informações sobre quatro sítios localizados no sul da cidade: na Reserva Biológica do Lami, na Restinga, na Vila Mapa, cujo material esta na UFRGS, e uma indicação sobre a Vila Nova.

As primeiras intervenções arqueológicas sistemáticas de sítios Guaranis iniciaram-se, em 1993, no projeto "*Projeto de levantamento dos Sítios Arqueológicos de Ocupação Indígena na área do Município de Porto Alegre, RS*", promovido pelo Museu Joaquim José Felizardo, órgão da SMC e realizado por uma equipe de arqueólogos⁴. É também nesse período que alguns sítios foram evidenciados.⁵

O projeto de 1993, acrescentado com os dados históricos e arqueológicos mencionados, serviu de base para iniciar minha pesquisa. A partir dos dados e de um estudo cartográfico e aerofotogramétrico da região, foram selecionadas as zonas prioritárias de prospecção, privilegiando as áreas mais poupadas pela extensão da malha urbana. As seleções foram confrontadas

com o estudo aerográfico, a fim de ver as alterações e definir suas utilizações passadas ou recentes (casa, roça, pomar, etc.). Foi utilizado, também, o método de prospecção probabilístico, que corresponde à prospecção em áreas previamente determinadas, sem informações arqueológicas anteriores, mas que apresentam possibilidades arqueológicas devido à preservação do meio ambiente e proximidade de outras áreas já arqueologicamente confirmadas.

Depois desta primeira fase, foram iniciados os contatos com os moradores das zonas que comportavam índices arqueológicos. Esta fase é sempre a mais difícil, com tentativas inúmeras para conhecer os proprietários ou os caseiros, estabelecer contatos telefônicos e conseguir visitar os locais. Difícil também é o próprio acesso até as áreas de prospecções.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA PONTA DO ARADO

Apresentarei aqui, brevemente, a descoberta do sítio arqueológico da Ponta do Arado, localizado na zona sul da cidade, e que revelou um dos resultados mais interessantes do projeto.

A presença de material arqueológico nos foi comunicada por um morador que nos acompanhou até o local⁶. Vários cacos cerâmicos, apresentando características da cerâmica produzida pelos Guaranis⁷, foram encontrados na área mostrada pelo morador e até à beira do rio.

A prospecção sistemática da área começou e foram feitas, a partir da margem do rio, linhas de tradagem paralelas ao rio Guaíba, formando uma malha de 5m x 5m⁸ sobre uma área de 50m x 40m. Em toda a zona tratada (roça 2), a estratigrafia encontrada foi homogênea e simples: uma camada de húmus arenoso de 20cm de espessura; uma camada argilo-arenosa escura, com inclusões de carvão de 20 cm de espessura, e uma camada estéril de areia grossa. Pouco material foi

³ No contexto da Arqueologia Brasileira, o conjunto de populações indígenas pré-históricas são denominadas de Tradições Arqueológicas. Na região de Porto Alegre, a seguinte seqüência foi estabelecida: Tradição Umbu +/- 9.000 AP. Tradição Humaita +/- 6.600 AP. Tradição Vieira +/- 1.800 AP. Tradição Taquara +/- 1.600 AP. Tradição Guarani +/- 1.800 AP.

⁴ SILVA F. et al (1997).

⁵ Dois sítios no Bairro do Lami foram evidenciados: RS-JÁ-01 e RS-JÁ-02. O sítio RS-JÁ-01 pertence à Reserva Biológica do Lami. Como o sítio foi destruído, poucos fragmentos cerâmicos foram encontrados, no total, 12 fragmentos de tradição Guarani. O sítio RS-JÁ-02, localizado em 1993, está parcialmente destruído. Ofereceu vestígios líticos e fragmentos de cerâmica corrugada de tradição Guarani. Este sítio apresenta provavelmente uma ocupação pré-cerâmica (Umbu ou Taquara) sob cerâmica (Guarani).

⁶ A área correspondia a uma zona de duas clareiras circundadas por mato fechado, uma se estendia até a beira do rio (roça 2), a outra mais afastada da margem, na parte sul (roça 1). Um acampamento de pescadores ocupava uma parte do sítio, perto do rio.

⁷ Sete cacos com tratamento de superfície do tipo corrugado e do tipo liso.

⁸ Os trados foram feitos no acampamento de pescadores, em todas as zonas acessíveis até o mato fechado.

recolhido, com exceção de fragmentos cerâmicos, do tipo **yapépó** corrugado, encontrada junto a uma forte concentração de carvão⁹. Para delimitar a mancha de carvão encontrada com o **yapépó** e determinar uma possível fogueira, foi feito uma decapagem de 2m x 2m, com níveis artificiais de 0,10m de espessura. Esta zona é continuamente perturbada e contaminada pela superposição de fogueiras, algumas recentes, pois a área é um local de acampamentos de pescadores da região. A identificação dos limites da mancha de carvão cerâmica não foi possível e nenhum material além da cerâmica foi encontrado.

Ao sul da área existe uma clareira (roça 1) que, segundo o morador, foi sempre conhecida como local bem antigo de plantação. Pela sua relação com a zona de repartição de vestígios anteriormente mencionada e em função do seu histórico, achei interessante explorar toda a clareira, correspondendo a uma área de 50m por 30m. Foram feitos trados de forma a se obter uma malha de quadrículas de 5m por 5m.

A composição da estratigrafia é semelhante àquela da área prospectada na beira do rio, contudo, ela apresenta mais material: uma camada húmida de 15cm, uma segunda camada com forte concentração de carvão e presença de cerâmica, e uma camada estéril de areia grossa.

Na roça 1, os trados mostraram duas zonas distintas de concentração de cerâmica numa camada orgânica escura: uma na extremidade sul da clareira e uma na extremidade norte. As duas zonas apresentam uma superfície de 10m por 20m, talvez "duas manchas pretas". Todos os vestígios cerâmicos apresentam característica Guarani.

A presença de material na estratigrafia homogênea e de extensão delimitada em correspondência com as zonas de dispersão superficial do material como a quantidade e as características dos vestígios são suficientemente significativas para evidenciar uma ocupação de grupo Guarani na área. A área foi registrada como o sítio arqueológico [RS-JÁ-16].

Em função do interesse do sítio, elaborei uma problemática de pesquisa arqueológica juntamente com um projeto de implantação de um "Sítio-Escola"¹⁰. Infelizmente, apesar da aceitação do projeto pelas instituições, antes de iniciar as pesquisas, soube-se que a terra estava em litígio e que o proprietário não permitiria mais o acesso à área. O prazo dado

à solução jurídica era de seis meses, sendo assim impossível implementar a escavação e o "Sítio-Escola".

O sítio arqueológico da Ponta do Arado é fundamental, pois além de confirmar uma ocupação do povo Guarani no município de Porto Alegre, tipo de ocupação que precisa ainda ser definida, como sítio bastante conservado, ele possibilita uma escavação completa. Espero que as pesquisas sejam retomadas brevemente antes da alteração do sítio, pois os acampamentos ilegais permanecem.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA ILHA FRANCISCO MANOEL

Depois de ter que suspender as pesquisas da Ponta do Arado, foi retomada a lista dos sítios potenciais. Entre outras, foi realizada uma saída para a Ilha Francisco Manoel, que foi registrada como sítio arqueológico **RS-C.71** por Mentz Ribeiro (1970).

A Ilha Francisco Manoel é situada no rio Guaíba, na zona sul de Porto Alegre (ver Fig.1), a 35km do centro da cidade. Ela fica em frente da Ponta dos Coatis, ao sul de Belém Novo. Atualmente, a Ilha Francisco Manoel é a sede do Clube Veleiros do Sul. Somente uma parte da margem norte da Ilha é ocupada pelas estruturas à disposição dos sócios (galpão, banheiros, casa do caseiro, etc.). A 50m do trapiche de acesso a Ilha, em direção sul, há um pomar de 50m de comprimento por 25m de largura, onde se concentrou a pesquisa. O resto da ilha é coberto de mato fechado e toda a margem sul da ilha é de granito, sem praia, exposta aos ventos fortes. A restrita movimentação de visitantes fez da Ilha Francisco Manoel um local bem preservado.

Durante a primeira fase das pesquisas arqueológicas na Ilha foi evidenciado o potencial do sítio através da análise da cerâmica recolhida numa coleta superficial sistemática, realizada no pomar atual, zona de maior concentração de vestígios. Nesta zona, uma malha de quadrículas de 1m por 1m foi implantada, e as escavações da camada superficial de cada uma dela foram realizadas. Algumas quadrículas foram escavadas de maneira completa por níveis artificiais de 10cm, em razão do tempo e da falta de prática dos estagiários. Os dados indicaram que a ocupação por grupos Guarani podia ser de longa duração e que algumas áreas específicas

⁹ Encontrados alguns fragmentos cerâmicos e de carvão em um trado, foi aberto um poço-teste de 2m x 2m para retirar toda a cerâmica e evidenciar a presença de outro material ou de estrutura.

¹⁰ Junto ao NUPARQ/UFRG e Museu Joaquim José Felizardo/SMC.

(zona de habitação, zona de lascamento, zona de lixo, etc.) poderiam ser evidenciadas com a continuação das escavações.

A limitação de meu tempo de pesquisa¹¹ permitiu uma única campanha de escavações. Os problemas de acesso e permanência na Ilha foram facilitados com a ajuda do Clube dos Veleiros do Sul, que autorizou a instalação de nosso acampamento durante três dias por semana, com acesso livre a todas as suas estruturas (banheiro, cozinha, etc.). As escavações começaram no dia 4 de Janeiro de 2000 e acabaram o dia 27 do mesmo mês. Estas quatro saídas corresponderam a menos de 12 dias efetivos de trabalho, levando-se em conta o deslocamento de barco (mais de 2 horas) e dois dias de chuva forte. Cada saída contava, em média, com uma equipe de cinco pessoas, alunos de várias instituições como a UFRGS, PUCRS e FAPA.

MÉTODO

Em função das limitações de tempo, a pesquisa focalizou-se no estabelecimento do tipo de sítio (acampamento, aldeia, etc.) e na obtenção de uma possível datação. Para tanto procuramos evidenciar áreas individualizadas (circulação, lascamento, combustão, etc.) a fim de observar a organização espacial e coletar material para uma datação com C14.

A partir dos resultados da nossa primeira intervenção no sítio, foi considerado que o pomar atual seria investigado em toda sua extensão. Somente a falta de tempo me fez renunciar a uma decapagem de grande superfície, pois a outras condições, como as características da estratigrafia, a distribuição regular dos vestígios e a alteração reduzida do sítio, permitiam a utilização desse método.

Devo mencionar a resistência significativa da maioria dos colegas do Rio Grande do Sul durante a elaboração do meu projeto de pesquisa inicial, a saber, da minha intenção de utilizar métodos de decapagem ensinadas nas instituições francesas de pré-história. A decapagem de grande superfície, apesar da sua designação e origem, não necessita de um sítio extenso com uma estratigrafia profunda para ser aplicada, mas precisa principalmente de boas condições de preservação. De modo geral, esse método não é utilizado pela maioria dos arqueólogos brasileiros, que o considera inadequado para as pesquisas no Brasil. Creio que a insuficiência de conhecimento e de domínio dessa técnica seja, muitas

vezes, a origem dessa oposição quase sistemática, pois as especificidades dos sítios brasileiros pré-históricos não representam um empecilho para sua utilização. Acredito que sua aplicação em zonas de sítios com áreas funcionais e estruturas bem delimitadas não representa uma alternativa válida. A principal condição que pode impedir a utilização da decapagem, no Brasil, é a falta de pessoal.

A partir dos resultados da primeira fase de trabalho, foi determinado que seria no pomar que a pesquisa deveria concentrar-se. Com menos de 15 dias para escavar e sem profissionais preparados, a decapagem de grande superfície no pomar foi eliminada; por outro lado, era necessário investigar o máximo da extensão dessa área para evidenciar estruturas e zonas de concentração significativa de material. Escolhi um método adaptado a nossa problemática e nosso contexto de pesquisa, decidi abrir trincheiras cortando o pomar transversalmente em direção norte/sul e leste/oeste, a partir da malha de quadrículas da fase 1. A partir da malha instalada na fase 1, três trincheiras foram abertas: **T1** de 1m x 6m; **T2** de 1m x 8m e **T3** de 9m x 1m.

A abertura de trincheiras pode parecer um método "grosso"; contudo, quando acompanhado de um registro completo e sistemático, ele permite uma visão dos perfis em uma área extensa. A disposição das trincheiras no pomar ofereceu uma leitura da estratigrafia e da extensão horizontal das camadas em toda a área, principalmente das orgânicas, suas variações de espessura, suas interrupções, os hiatos, as alterações, etc. Nos perfis foram evidenciadas estruturas de combustão, carvão, pedras e algumas concentrações de material cerâmico e lítico. Depois que todos os perfis foram registrados e analisados, algumas quadrículas foram abertas junto ao corte da trincheira quando o perfil mostrava uma concentração de material, uma estrutura ou qualquer tipo de alteração estratigráfica significativa.

A totalidade do material coletado nas trincheiras e nas quadrículas foi peneirada a seco e acondicionada em sacos de plástico com etiquetas, mencionando a trincheira ou a quadrícula e o número da camada e dos níveis.

Durante a fase 1, o material de um entulho situado no pomar (devido a capinagem e limpeza do pomar) foi analisado. Nesta pesquisa, um novo entulho (denominado entulho 2) foi encontrado no mesmo local.

¹¹ Concessão da Bolsa de Pesquisadora Visitante para um período de 6 meses, do 01/10/99 a 31/03/2000.

O material cerâmico abundante desse entulho foi considerado ao pertencendo ao pomar e integrado às análises de material das coletas superficiais. Acrescentamos a análise deste material com aquela do material coletado por Mentz Ribeiro (1970) (denominado material Taquara), que o Museu de Arqueologia do Rio grande do Sul (MARSUL) colocou a nossa disposição. O material cerâmico coletado na superfície das quadrículas da Fase 1 foi analisado a fim de compará-lo com a cerâmica da camada superficial da Fase 2.

ESTRATIGRAFIA DAS TRINCHEIRAS

Apresentarei aqui uma rápida descrição dos diferentes cortes das trincheiras. **T1** ocupa a porção mais ao norte do pomar, seus perfis mostraram uma camada A ou 1, considerada como a camada superficial. O material recolhido nessa camada foi considerado equivalente ao material recolhido na superfície da trincheira. Uma segunda camada B ou 2 orgânica, escura, areno-argilosa, apresentou cerâmica e carvão. Uma terceira camada C ou 3, orgânica, muito escura, solta com cerâmica e carvão. Nessa trincheira, na extremidade sul, foi encontrado uma quarta camada, preta, solta, com uma grande concentração de carvão. A partir de 45 cm apareceram pequenos blocos de granito e em cerca de 55 cm foi encontrada a camada estéril.

Apesar de saber que o sítio era relativamente preservado, eu imaginava que a maioria do material, sobretudo o cerâmico, seria encontrado na camada superficial, visto que as capinagens repetidas tinham formado dois entulhos com uma quantidade significativa de material. Por outro lado, não escapei totalmente do antigo e firme padrão que apresenta os sítios de ocupação Guarani como sítios rasos, com uma estratigrafia insignificante, o que geralmente limita a intervenção às coletas superficiais e aos poços-testes. Porém, duas camadas espessas (de 10 a 15 cm), de composição orgânica com material e carvão, foram identificadas; além delas, a camada D apresentou limites definidos na extremidade de **T1** e foi relacionada á quadrícula **L7**, escavada durante a Fase 1. Para confirmar uma possível zona de combustão, várias quadrículas foram abertas na extremidade sul de **T1**.

A trincheira **T2** ocupa a porção sul e foi aberta no prolongamento de **T1**, cortando o pomar em sentido norte/leste. Ela apresentou uma camada A ou 1, superficial,

argilo-arenosa, com pouco material. Uma segunda camada B ou 2, preta, orgânica, solta, com inclusões de carvão. Na superfície de B, na metade sul/oeste, apareceu uma concentração de material lítico de quartzo e calcedônia, e nenhuma cerâmica. A terceira camada C, arenosa, marrom claro, não ofereceu material.

A camada B ou 2 era presente em toda a extensão de **T2**, porém os perfis não revelaram elementos significativos. Nessa trincheira, a cerâmica encontrada corresponde unicamente à camada A, dita superficial. A concentração de lítico, apesar de não apresentar uma limitação clara, poderia indicar uma zona de lascamento ou de refugio de lascamento, a confirmar ulteriormente.

A trincheira **T3** foi aberta no sentido leste/oeste do pomar, cortando perpendicularmente **T2**. A **T3** apresentou uma camada superficial A ou 1, argilo-arenosa, marrom claro, com cerâmica; uma camada B ou 2, orgânica, com carvão, preta e solta no perfil oeste de **T3**. Na superfície de B, o sedimento era um pouco mais claro, e como não apresentou limites definidos na estratigrafia, foi difícil considerá-la como uma camada distinta, sendo, talvez, uma interface ou uma alteração devido a drenagem do carvão para baixo. Nesta superfície de B foi encontrado material cerâmico; embaixo, no sedimento escuro, perto da interseção de **T2/T3**, foi localizado lítico, sem cerâmica. No perfil leste de **T3**, a 3m e cerca de 35cm de profundidade, apareceu cerâmica queimada, associada a pedras queimadas e uma forte concentração de carvão presente a 45cm da superfície.

Quadrículas foram abertas no perfil leste para esclarecer as concentrações diferenciadas de cerâmica e de lítico, e no perfil oeste para confirmar e delimitar a possível estrutura de combustão.

ZONA 2/PT2

Um poço-teste **PT2**, de 2m por 2m, foi aberto no local de uma tragem realizada na Fase 1, na área alagadiça, onde cacos de cerâmica, num sedimento preto com inclusões de carvão, tinham sido recolhidos, sendo o trado inicial o centro do poço-teste. A 60cm de profundidade, ainda não havia sido atingida a camada estéril e o material cerâmico, lítico e ósseo, continuava abundante dentro de uma camada orgânica espessa. Sem tempo para desenhar os perfis, uma descrição cuidadosa da estratigrafia simples (camada superficial e camada orgânica) foi feita. O material foi peneirado a seco e

acondicionado em sacos de plástico, com referências espaciais de **PT2**.

AS QUADRÍCULAS

A partir dos estudos dos perfis de **T1** e **T3**, foram abertas quadrículas a partir dos cortes que apresentaram elementos significativos. Os conjuntos de quadrículas foram designados como **zonas**: sendo a **Zona 1** relacionada a **T1**; a **Zona 3** com **T3**; o poço-teste **PT2** forma na área alagadiça a **Zona 2**. No total 13 quadrículas de 1m por 1m foram abertas. Elas foram escavadas com níveis artificiais de 10cm. Como já expliquei, escolhi este método em função de sua facilidade para os estagiários, cuja maioria estreaava na pesquisa arqueológica.

Cada camada foi registrada de maneira seguinte: Camada A/nível 1 (0-10cm); Camada A/nível 2 (10-20cm); Camada B/nível 1 (20-25cm). Para ganhar tempo, em algumas quadrículas, quando revelavam pouco material e não apareciam elementos significativos, pude tirar a camada superficial A em uma única vez. Assim, para certas quadrículas, apareceu uma Camada A com um único nível 1 de (0-20cm). A totalidade do material recolhido foi peneirada a seco e acondicionada em sacos plásticos com referências espaciais e estratigráficas (Quadrícula, Camada, nível, etc.).

A **Zona 1** corresponde à extremidade sul/leste de **T1**; a Quadrícula **L7**, aberta durante a Fase 1, foi considerada como o ponto de referência. Sete Quadrículas foram abertas: **K8**, **K7**, **K6**, **J6**, **J8**, **J9**, **I8**. A quadrícula **L7** foi retomada. A **Zona 3** corresponde à parte leste de **T3**, perto da interseção com **T2**; cinco quadrículas foram abertas: **T10**, **T11**, **T12**, **V8**, **V10**.

ESTRATIGRAFIA DAS ZONAS

A **Zona 1** mostrou uma estratigrafia equivalente a dos perfis de **T1**: uma Camada superficial A, argilo-arenosa, com cerca de 20cm, com material cerâmico e lítico; uma Camada B, orgânica, com cerâmica, lítico e uma forte concentração de carvão. A Camada D, com muito carvão, material cerâmico e lítico, foi encontrada a 40cm nos quatro perfis de **L7**, que deveria se estender mais na área da malha. Na Quadrícula **J9**, encontramos, a cerca de 30cm, uma camada arenosa muito compacta. No primeiro momento parecia ser a

camada estéril, mas, embaixo, foi encontrada uma Camada preta, solta, com muito carvão e material cerâmico e lítico, certamente equivalente à Camada D. No ângulo sul da Quadrícula **K8** a camada estéril apareceu a 40cm da superfície, oferecendo assim um limite no plano horizontal da extensão da Camada D. Porém, não foi possível obter todos os limites da sua extensão. Contudo, visto a homogeneidade do sedimento, do material e das inclusões, ela foi considerada como uma área de combustão, sem se poder identificar sua especificidade (resto de fogueira, refugio de combustão, etc.). A Camada estéril na **Zona 1** foi encontrada entre 50cm e 60cm de profundidade.

A **Zona 3** foi dividida em duas partes: o perfil oeste e o perfil leste de **T3**. As Quadrículas **T10**, **T11** e **T12** do lado oeste foram abertas para evidenciar e analisar a estrutura de combustão que apareceu no perfil. As Quadrículas mostraram a mesma estratigrafia que **T3**: uma Camada A superficial, de 30cm de espessura, com cacos de um recipiente cerâmico, aparentemente quebrado *in situ*; os vestígios foram plotados. Esta cerâmica foi encontrada acima da estrutura de combustão evidenciada no perfil. Uma segunda Camada B, orgânica, com forte concentração de carvão, apresentou material cerâmico e pedras queimadas. A abertura da Quadrícula **T11**, junto ao perfil de **T3**, evidenciou, a cerca de 40cm de profundidade, uma estrutura de combustão, do tipo fogueira circular de 1m de diâmetro, construída com pedras. A estrutura foi plotada e fotografada.

O sedimento da fogueira foi coletado a fim de se obter uma datação¹². Todas as fases da escavação e da amostra de sedimento foram registradas com desenhos e fotografias. A Camada estéril foi encontrada a cerca de 50cm de profundidade.

As Quadrículas **T10** e **T12** apresentaram uma estratigrafia semelhante: uma Camada A superficial de cerca de 30cm e uma Camada B com carvão. O material cerâmico e lítico foi encontrado na Camada A; a Camada B apresentou concentrações de carvão mais significativas conforme se aproximava da fogueira.

Junto ao perfil leste de **T3**, foram abertas as Quadrículas **V8** e **V10**, para analisar a presença de material lítico e cerâmico evidenciado na abertura e no perfil

¹² Coleta mandada para o **Beta Analytic Radiocarbon Dating Laboratory**, Miami, USA.. Método de Datação: Accelerator Mass Spectrometry Technique.

da trincheira. A estratigrafia das Quadrículas seguiu o perfil da trincheira: uma Camada A de 25cm e uma Camada B. Uma pequena quantidade de material cerâmico e lítico foi encontrada na Camada A, porém, não foram evidenciadas alterações e concentrações significativas do material ou do sedimento, ou seja, nenhum limite preciso de área. Entretanto, mesmo sem limitação, a concentração de lítico poderia sugerir uma área de lascamento ou de refugio de lascamento. A Camada estéril dessas Quadrículas foi encontrada a 50cm de profundidade.

A **Zona 2** correspondeu ao poço-teste **PT2**, aberto na área alagadiça. A estratigrafia mostrou uma Camada A superficial de 15 a 20cm, com material cerâmico, ósseo e um pouco de material “histórico” (vidro, louça, metal, etc.). A camada seguinte era formada de arcia alaranjada, solta, estéril, de 10cm de espessura. Ela não correspondia ao fundo da estratigrafia, mas parecia ser o resultado de um depósito fluvial. Embaixo apareceu uma outra camada, orgânica, preta e solta, com inclusões de carvão. Essa camada nos ofereceu uma enorme quantidade de material cerâmico, ósseo e lítico. Infelizmente, por falta de tempo, não foi possível aprofundar o poço-teste e chegar-se a Camada estéril. A Camada orgânica continuava nos quatro perfis além dos 60cm de profundidade.

A quantidade e o tipo de material coletado no **PT2**, tais como os grandes fragmentos cerâmicos, muitos deles com queima secundária, o material lítico do tipo refugio de lascamento e a maioria dos ossos queimados, caracterizam uma estrutura do tipo depósito de lixo.

DADOS SOBRE A FAUNA

O material ósseo da **Zona 2** foi objeto de uma rápida análise¹³ para caracterizar a fauna. Foram evidenciadas algumas espécies consumidas pelos Guaranis, como o porco do mato *Tamassu*, o cervo do Pantanal *Blastocerus dichotomus*, de veado campeiro *Ozotocerus Bezoarticus*, de veado mateiro *Mazama americana* e de anta *Tapirus terrestris*. A maioria dessas espécies ainda se encontra na região, porém, o cervo do pantanal já tinha desaparecido antes da chegada dos primeiros europeus, o que indica (esperando os resultados da datação) a ocupação como bem anterior aos primeiros contatos.

O MATERIAL LÍTICO

O material lítico coletado nas diferentes zonas do sítio está sendo analisado¹⁴. A maioria apresenta um lascamento bipolar. A matéria prima mais significativa é a calcedônia, principalmente ágata e quartzo. Muito refugio de lascamento e poucos artefatos, alguns afiadores de arenito e raspadores de calcedônia, que foram coletados, alguns núcleos de calcedônia e ágata. Essa matéria prima não se encontra na Ilha nem nas redondezas, pois é um material originário da Serra. Como os vestígios mostram que foram lascados no sítio, a matéria prima foi provavelmente buscada na fonte ou obtida através de troca com outros grupos.

O MATERIAL CERÂMICO

Como a maioria do material cerâmico coletado era de tamanho reduzido, sem reconstituição possível, utilizei um método de análise estatístico, para ter uma visão sintética do sítio. Foram considerados vários conjuntos: o **conjunto superficial** constituído pelo material da Camada superficial da primeira Fase (1999); pelos entulhos do pomar e pela cerâmica coletada por Mentz Ribeiro (1970); o **conjunto T** com o material das trincheiras **T1**, **T2** e **T3**; e o **conjunto Z** com o material da **Zona 1**, formada pelas Quadrículas **L7**, **K8**, **K7**, **K6**, **J9**, **J8**, **J6**, **I8**, a **Zona 2** correspondendo ao **PT2** e a **Zona 3** com as Quadrículas **T12**, **T11**, **T10**, **V8**, **V10**.

Não apresentarei neste artigo o estudo completo com todos os gráficos obtidos, mas mencionarei os resultados principais.

O material cerâmico encontrado no sítio representa um total superior a 4.500 fragmentos. O conjunto foi analisado a partir dos nove atributos seguintes, correspondendo a 72 variáveis:

Tempero: presença na argila (0-10%), (10-20%), (30% e +); natureza mineral, chamote, vegetal, carvão.

Espessura máxima da parede: (0-5mm), (5-10mm), (10-15mm), (15-20mm).

Espessura máxima e diâmetro da borda: E. (0-5mm), (5-10mm), (10-15mm), (15-20mm). D (0-100mm), (100-200mm), (200-300mm), (300-400mm), (400mm- +), (indeterminado).

Queima: Oxidada ou Redutora.

Parte da Vasilha: Borda, Pescoço, Ombro, Corpo, Base, Carena, Indeterminada.

¹³ André Luiz Jacobus. Museu de Arqueologia do Rio Grande do Sul (MARSUL), comunicação pessoal.

¹⁴ Museu Joaquim José Felizardo, SMC de Porto Alegre.

Formas: *Cambuchi*, *Yapepó*, *Ñaeta*, Tigela, Tigela Prato Esfera, Cilindro.

Tratamento de Superfície Externa: Plástico: Corrugado, Roletado, Escovado, Ungulado, Espatulado, Alisado, Indeterminado, Desgastado, Barbotina – Pintado : Traço Vermelho sobre Pintado Branco (TVPB); Traço Preto sobre Pintado Branco (TPPB); Traço Vermelho e Preto sobre Pintado Branco (TVPPB); Traço Preto sobre Pintado Vermelho (TPPV); Traço Branco sobre Pintado Vermelho (TBPV); Pintado Vermelho sobre Preto (PVP); Traço Branco sobre Pintado Preto (TBPP); Pintado de Branco sobre Barbotina¹⁵ (PBB); ; Branco (PB); Vermelho (PV); Preto (PP).

Tratamento de Superfície Interna: Plástico: Alisado; Indeterminado; Desgastado; Barbotina – Pintados: Pintado Vermelho (PV); Traço Vermelho sobre Pintado de Branco (TVPB); Traço Branco sobre Pintado Vermelho (TBPV); Traço Branco sobre Pintado Preto (TBPP); Pintado Branco sobre Barbotina (PBB); Pintado Branco (PB); Pintado Vermelho (PV); Pintado Preto (PP).

Conservação: Bom (2 faces conservadas); Médio (1 face conservada); Ruim (2 faces desgastadas).

OBSERVAÇÕES SOBRE O MATERIAL CERÂMICO

Apresentarei algumas considerações gerais sobre a cerâmica¹⁶ encontrada no sítio: o tempero mineral predominou sobre o vegetal e a chamote (cacos moídos). A queima foi essencialmente do tipo reduzida em todas as áreas. A queima em atmosfera reduzida necessita de menores cuidados, pois a temperatura fica em torno de 600°C e não necessita de uma quantidade de lenha importante.

As variações de conservação da cerâmica não deram resultados significativos. A cerâmica pode ser considerada como bem conservada. O material da coleta superficial destacou-se com 29% de cerâmica com conservação média, 12% sem leitura possível e 59% bem conservada. Este material sofreu a ação dos fatores erosivos naturais e dos fatores antrópicos, como a capinagem intensiva, as queimas repetitivas dos restos vegetais junto ao material e no pomar, e nas zonas de passagem e permanência dos visitantes.

As partes de vasilhas encontradas não fogem do padrão clássico, sendo os

bojos a maioria e as bordas com menor ocorrência. Essas últimas são mais relevantes para a identificação das formas: com critérios significativos como o perfil dos lábios ou o diâmetro, elas podem permitir, por exemplo, uma diferenciação entre *Cambuchi* e *yapepó*. De modo geral, os perfis das bordas foram lidos, porém, a maioria dos diâmetros ficou indeterminada. Somente com as bordas, muitas vezes sem o ombro, ficou difícil identificar as vasilhas de tamanho menor como os *cambuchi caguâbá* (recipientes para servir e consumir líquido), as tigelas fundas ou rasas e os *ñaeta* (pratos fundos). A espessura das bordas também não apresentou variações significativas, sendo que a maioria possui 10mm de espessura, uma faixa onde muitas formas e tamanho de vasilhas podem encaixar-se. Em função dessas limitações, apesar de ter sido coletado um material bastante significativo, não foi possível identificar muitas formas.

Os tratamentos de superfície predominantes correspondem ao alisado e ao corrugado com suas variações (espatulado; simples; corrugado-ungulado), seguidos pelo pintado, sendo o de traços vermelhos ou pretos sobre branco, o mais comum no sítio.

De modo geral, a cerâmica do sítio é representada por vasilhas de uso comum como o *yapepó* e o *cambuchi*, respectivamente utilizados para a preparação dos alimentos e a preparação e conservação dos líquidos. Essas formas foram encontradas em todas as zonas do pomar em quantidade significativa. As outras vasilhas correspondem aos *cambuchi caguâbá*, as tigelas e *ñaetas*, recipientes menores, utilizados para o consumo de líquidos e alimentos. Esses recipientes apresentaram os tratamentos de superfície mais raros do sítio: os plásticos do tipo unguado-secante ou tangente, o espatulado simétrico ou imbricado e o pintado, seguindo os padrões tradicionais dos Guaranis. As grandes urnas carenadas, pintadas, *cambuchi guazu*, utilizadas para a preparação de bebida fermentada e para fins sepulcrais, não foram evidenciadas no sítio. Porém, esses recipientes geralmente são encontrados isolados em área específica, longe das habitações. As urnas ou restos de urnas não foram encontrados, nem no pomar, nem nas outras áreas de coleta. Se esse tipo de recipiente existiu na ilha, a sua localização mais provável seria a área onde foi construída a habitação dos caseiros. Entretanto, não tivemos nenhuma informação

¹⁵ Utilizei o termo barbotina como equivalente ao termo engobe.

¹⁶ Estudo completo no Relatório Técnico de Bolsa FAPERGS de Pesquisadora Convidada, Setembro 1999, Porto Alegre.

sobre a presença de cerâmica ao redor da casa, apesar da presença de uma camada do tipo orgânica, semelhante a B, evidenciada no declive do morro onde é instalada a habitação.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Mesmo sendo parcial, essa primeira intervenção arqueológica na Ilha Francisco Manoel ofereceu informações significativas sobre a ocupação pré-histórica de grupos Guarani.

A camada A superficial e a camada B orgânica foram encontradas sem alterações significativas em todas as áreas abertas. A área total escavada, que corresponde ao pomar atual, apresenta a mesma estratigrafia, evidenciando uma ocupação cronológica e espacial similar. Não foi possível determinar os limites horizontais das duas camadas a fim de verificar a sua área de extensão e a sua forma, revelando, por exemplo, uma "mancha preta".

Primeiramente, considerei unicamente os dados estratigráficos para elaborar primeiras hipóteses a serem devidamente confirmadas e aperfeiçoadas com os estudos do material coletado. Na camada dita superficial A, não foi evidenciada a existência de uma estrutura. A superfície do sítio sofreu muita erosão natural e antrópica, o que talvez eliminou os vestígios de estruturas, tais como as manchas com carvões das áreas de combustão, os negativos de postes ou os depósitos de restos alimentares.

A coleta superficial da Fase 1, os dois entulhos, o material da coleta de 1970 doado pelo MARSUL e as escavações, forneceram um material cerâmico abundante. Apesar das diversas ações erosivas, a quantidade de cerâmica aponta para uma ocupação significativa do sítio em termos de densidade e/ou de tempo.

A camada B seguiu exatamente o padrão de dispersão da camada A. Além de apresentar um sedimento diferente, com inclusões de carvão, essa camada é a única onde foram encontradas estruturas: uma área de combustão na Zona 1; uma estrutura de combustão correspondendo à fogueira da Zona 3 e um depósito de lixo na Zona 2. A presença de estruturas definidas podem indicar a existência de um espaço organizado com áreas especializadas, favorecendo a hipótese de uma ocupação mais importante, desfavorecendo a hipótese de um acampamento de caça ou pesca.

A estrutura de combustão é representada por uma fogueira circular, de fundo plano com paredes construídas de pedras e com um sedimento de carvões e cinzas muito espesso, indicando uma utilização constante. A cerâmica encontrada em correlação indica uma fogueira de tipo principal, ligada ao preparo da alimentação.

O sedimento da fogueira coletado permitiu a obtenção de uma datação¹⁷: 610 ± 50 BP, situando a utilização da fogueira entre 1285 e 1420 anos. Essa é primeira datação de uma ocupação pré-histórica pelos povos Guarani no Município de Porto Alegre. Ela indica uma ocupação do sítio no século XIV, período bem anterior à chegada dos primeiros europeus na região da atual Porto Alegre.

A estratigrafia mostra que não existe interrupção entre a camada A e a camada B na totalidade da área pesquisada. A ausência de uma camada estéril intercalada entre A e B indica que não houve uma interrupção significativa da ocupação da área. Essa ocupação contínua e a existência de uma organização espacial com áreas especializadas contribuíram para distanciar-me mais da hipótese de uma ocupação esporádica do tipo acampamento.

Esclarecerei aqui um ponto da estratigrafia referente à Zona 2 PT2. Esta estrutura de depósito é a única que apresentou uma interrupção entre a camada A e B: uma interface composta de areia grossa. Considerei que esta camada estéril não indicava uma interrupção na utilização do depósito e por extensão na ocupação do sítio, mas é provavelmente o resultado das flutuações do nível do rio a cerca de 10m que atingiu a estrutura e depositou camadas de areia. A função da estrutura como depósito de lixo e o material não apresentaram alterações depois da camada de areia fluvial.

A Zona 2 foi a única que ofereceu restos de fauna, proporcionando alguns dados sobre o meio ambiente e a dieta dos grupos instalados na área. A maioria das espécies ainda é encontrada na ilha e nas redondezas, exceto o cervo do pantanal, atualmente extinto. Apesar da peneiragem sistemática de todo o sedimento retirado, destacarei a total ausência de outros restos de alimentação, como peixes ou moluscos, ofertados em abundância pelo Rio Guaíba. É possível que o local de depósito seja diferente, talvez na Zona Alagadiça, jogados diretamente na água ou, então, já destruído. Com as futuras pesquisas haverá condições de esclarecer este fato.

¹⁷ Realizada pelo Beta Analytic Radiocarbon Dating Laboratory, Miami, USA.

Considerarei agora os dados fornecidos pelas análises do material arqueológico, principalmente a cerâmica.

Todas as análises realizadas da cerâmica, coletada na camada A, oferecem os mesmos resultados: cerâmica abundante, desgastada, cacos de tamanho reduzido, formas não identificáveis, sendo o tratamento de superfície predominante o Corrugado e Alisado, com uma pequena quantidade de Pintado. Apesar da impossibilidade de reconstituir as formas e, com isso, conhecer as diferentes utilizações das cerâmicas, a variedade de cerâmica é significativa.

O material coletado na camada B é muito abundante, constituindo-se de cacos médios a grandes bem conservados, que permitiram a reconstituição de algumas formas. A variedade de formas é grande, com a presença de todos os tipos comuns de tratamentos de superfície externa e interna. A reconstituição de algumas vasilhas mostra principalmente uma cerâmica de uso doméstico para a preparação e o consumo dos alimentos, como os *yapépó*, a armazenagem e o consumo dos líquidos, tais como os *cambuchi caguâbá*, entre outros.

Apesar das reservas mencionadas, a quantidade e a diversidade da cerâmica encontrada nas camadas A e B privilegiam também a hipótese de uma ocupação contínua do tipo aldeia.

Gostaria de destacar que em toda a área pesquisada (incluindo as prospecções realizadas em toda a ilha) não foram evidenciados fragmentos característicos das grandes urnas ou *cambuchi guaçu*, ligadas ao preparo e consumo de bebidas alcoólicas durante rituais e enterros. Contudo, a ausência destes recipientes no pomar não significa que eles estejam ausentes na ilha. Originalmente, a zona de ocupação no norte da ilha era mais ampla, fato atestado pela dispersão da cerâmica. Porém, toda área foi perturbada pela construção das modernas estruturas da ilha, deixando apenas o local do atual pomar em condições de preservação.

O material lítico, cuja quantidade é inferior em relação à cerâmica, indicou a existência de áreas especializadas caracterizadas pela concentração de pequenas lascas. O material lítico corresponde a refugos de lascamento e fragmentos de pequenas ferramentas indetermináveis, produzidas com quartzo, calcedônia e ágata. Um calibrador de arenito foi encontrado.

O rio Guaíba, entre a Ponta dos Coatis, situada bem à frente da Ilha, e o sítio arqueológico, é uma zona sempre

protegida das fortes alterações climáticas, o que permite um fácil acesso entre os dois locais. Em relação à produção cerâmica no sítio, existe uma hipótese interessante, pois durante as prospecções na Ponta dos Coatis, foram encontrados testemunhos de uma antiga olaria. Ela poderia ser o local da fonte de matéria-prima para a produção das cerâmicas, já que as prospecções feitas na ilha não evidenciaram nenhuma fonte de argila.

Baseando-me no conjunto das informações, coletadas a partir das características e das análises do sítio e do material arqueológico, a conclusão preliminar mais satisfatória é de uma ocupação contínua da ilha por grupos Guarani na metade do Século XIV. De fato, em toda área, as duas camadas A e B não apresentam nenhuma ruptura nos perfis estratigráficos, podendo indicar um abandono, mesmo breve, e uma reocupação posterior (camada B). As diferenças de sedimentos e de material entre as duas camadas podem ser inerentes às mudanças na organização espacial. A ausência de estruturas na camada superficial A, devido às erosões naturais e antrópicas, não permite uma maior investigação dessa hipótese. Uma outra explicação para as diferenças entre as camadas A e B consiste nas flutuações demográficas: a queda de densidade de população pode produzir a diminuição da produção de artefatos, portanto, da quantidade de material encontrado. Entretanto, a quantidade de cerâmica encontrada na camada superficial foi significativa e não indicou nenhuma redução na produção e no uso. A última suposição compõe-se das alterações da função e uso da área, passando, por exemplo, de uma ocupação contínua do tipo aldeia a uma forma mais restrita do tipo acampamento. De novo a quantidade e a variedade da cerâmica encontrada na camada A não corresponde à produção em princípio muito mais limitada de um acampamento.

Contudo, reconsiderando essa última suposição, entendo que a Ilha Francisco Manoel corresponde a uma ocupação Guarani do tipo aldeia, que talvez tenha sofrido variações demográficas, principalmente possíveis subdivisões em aldeias menores dispersadas nas redondezas próximas. Durante a Fase 1, as prospecções evidenciaram que, além da Ilha Francisco Manoel, existiram ocupações por grupos pré-históricos Guarani na Ponta Grossa, mais especificamente na área conhecida como Ponta do Arado, onde está o importante sítio [RS-JA-16], e também na Ponta do Cego (ver

Fig. 1), cujo acesso não foi liberado, mas que representa um local de pesquisa promissor devido as suas características ambientais, a presença de cerâmica e a qualidade da sua preservação.

A presença destes sítios pré-históricos de grupos Guaranis oferece o primeiro conjunto de dados geográficos, ecológicos e cronológicos para se conhecer alguns dos critérios de ocupação desse povo no atual Município de Porto Alegre. O levantamento dos sítios arqueológicos demonstra que na região da margem do Rio Guaíba, nas ilhas e nas diferentes pontas, todas as ocupações são localizadas em direção ao norte. Esta orientação oferece uma proteção total dos ventos. Indicação que facilitará a seleção das áreas para prospecção.

Os dados geológicos mostram que os sítios encontram-se próximos a morros graníticos, em áreas onde o solo é do tipo associação aluvial e glei húmico. A vegetação é representada por zonas de mata baixa e de restinga. Um estudo completo da vegetação, das plantas nativas e domésticas nessa região é fundamental para entender os critérios ecológicos de instalação e a administração do meio ambiente pelas populações indígenas pré-históricas.

Esse trabalho corresponde a primeira escavação de uma aldeia pré-histórica Guaranis no Município de Porto Alegre e ainda é muito incompleto. Porém, a pesquisa ofereceu dados arqueológicos, geográficos e cronológicos que contribuem para compreensão das ocupações pré-históricas indígenas e particularmente dos grupos Guaranis nas margens do Rio Guaíba. Com as pesquisas arqueológicas realizadas no Município de Guaíba¹⁸ e futuros trabalhos arqueológicos, será possível esboçar um conjunto cronológico e geográfico-ambiental para obter critérios regionais de assentamentos mais precisos.

Com relação a esta pesquisa, quero expressar minha surpresa ao descobrir um sítio com tanto potencial tão perto do Rio, pois esperava um possível sítio, extremamente perturbado, muito raso, do tipo acampamento de pesca. Como já relatei, a zona do pomar atual é extremamente próxima da água, com uma fraca elevação do relevo e um pequeno barranco que protegem a área das flutuações do rio. Na bibliografia de décadas de pesquisa, os assentamentos dos Guaranis pré-históricos parecem ter seguido padrões geográficos e ecológicos quase imutáveis. Hoje, esses modelos gerais já

começaram a ser questionados e, como outros colegas, prefiro também juntar os dados obtidos a partir de pesquisa regional sem encaixá-los nos enormes conjuntos confusos de tradições culturais e arqueológicas. Coletando informações regionais através da abordagem interdisciplinar que a arqueologia ambiental propicia, creio ser possível, em casos específicos, reconstituir padrões regionais de ocupações. Porém, existe outro problema pendente: a determinação exata dos povos Guaranis e/ou Tupi mencionados nas pesquisas. Com relação ao assunto, existe também uma generalização estabelecida e que hoje começa a ser reconsiderada. Com relação à metodologia, quero insistir sobre a total viabilidade da utilização da decapagem de superfície ampla, quase sempre descartada pelos profissionais, principalmente quando se trata de pesquisas sobre ocupações Guaranis. Considero como o único impedimento para utilização dessa técnica a falta de profissionais conhecendo e dominando o método. Como alguns arqueólogos o demonstraram, a decapagem é totalmente adaptável às características estratigráficas brasileiras.

Ainda que rica em informações inéditas e, fato a ser evidenciado, possuir a primeira datação sobre as ocupações pré-históricas de grupos Guaranis, essa pesquisa representa apenas uma primeira fase de escavações. O valor e o potencial inquestionáveis do sítio exigem que os trabalhos arqueológicos sejam retomados a fim de se pesquisar a totalidade da área, as extensões e conexões entre as diferentes zonas e estruturas, e também definir as ligações existentes entre os outros locais com indícios de ocupação das redondezas. O sítio da Ilha Francisco Manoel oferece uma oportunidade excepcional para o desenvolvimento da prática da arqueologia no município por meio da formação e da orientação dos alunos de todas as instituições. Enfim, é fundamental que permaneça a difusão do conhecimento sobre as populações indígenas, através da divulgação dos resultados científicos, não apenas para os profissionais, mas também para todas as comunidades de Porto Alegre, pois os moradores são muitas vezes a origem das pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

AHRGS 1990. Os Índios d'Aldeia dos Anjos. Gravataí – Século XVIII. *EST/Arquivo Históricas do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre.

¹⁸ Sob a direção do Prof. Dr. Klaus Hilbert, PUCRS, 1998.

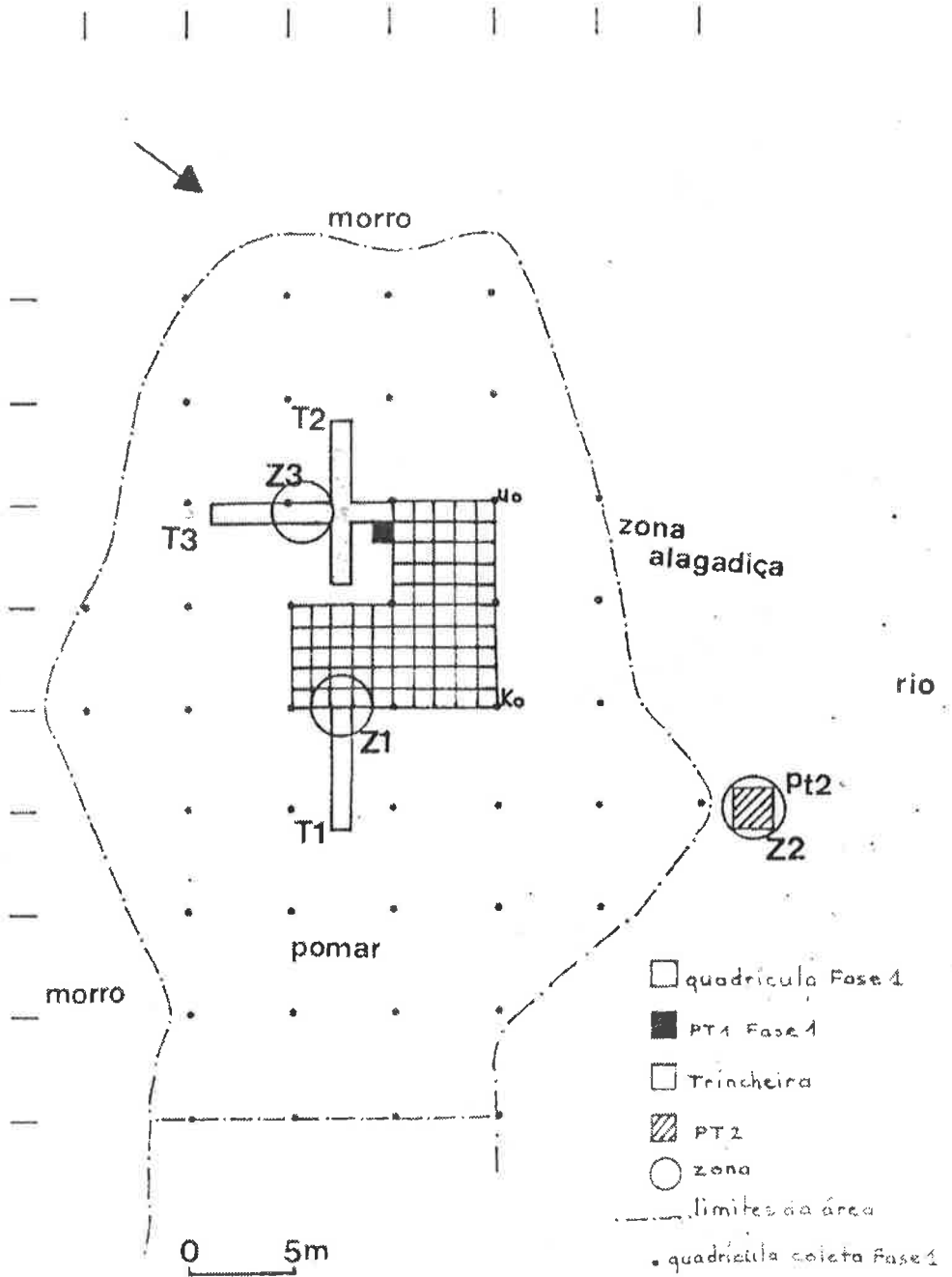
- ANDRADA, G. F. 1927, 1928, 1929. Cartas. *Revista do Arquivo Publico Mineiro*. Belo Horizonte.
- BECKER, I. B. 1976. El índio Kaingang no Rio Grande do Sul. *Pesquisas, antropologia*, São Leopoldo, 29: 1-334.
- BECKER, I. B. 1984. El índio y la colonización: Charruas y Minuanes. *Pesquisas, antropologia*, São Leopoldo, 37: 1-286.
- BROCHADO, J.P. 1969. Histórico das pesquisas arqueológicas no R.G.S. *Iheringa, antropologia*, Porto Alegre, 1: 3-42.
- BROCHADO, J. P. 1984. *An Ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America*. Tese de Doutorado. Urbana-Champaign, University of Illinois.
- CALDRE E FIAO, J. A. Ibicui retã. *Boletim Municipal*, 1943, 6(15): 418-424.
- CORTESÃO, J. (Org.) 1969. *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional.
- GAULIER, P. 1996. *Du Tekohá à la Réduction Jésuite, Trajectoire Guarani du XVIè au XVIIIè Siècles*. 2 vol., Villeneuve d'Ascq, Presse Universitaire du Septentrion.
- GAZZANEO, M. 1990. Restos alimentares no sítio de Itapoã. *Arqueologia do RGS, Brasil-Docmentos*, São Leopoldo, 04: 131-135.
- GOLDMEIER, V. & SCHMITZ, P.I., 1983. *Sítios arqueológicos do Rio Grande do Sul*, São Leopoldo, IAP-UNISINOS.
- HODDER, I. 1988. *Interpretacion en Arqueologia*, Barcelona, Crítica.
- JACOBUS, A. 1991. Comparação dos vestígios faunísticos de alguns sítios arqueológicos. *Boletim do Marsul*, 3, Taquara.
- KERN, A.A. (Org.), 1991. *Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Mercado Aberto.
- LAMING-EMPERAIRE, A. 1967. *Guia para Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul*, Curitiba, CEPA/UFPR.
- LA SALVIA, F. & BROCHADO, J.P. 1989. *Cerâmica Guarani*, Porto Alegre, Ed. Pozenato Arte e Cultura.
- LEITE, S. 1975. *O sítio do Arroio do Conde*, Porto Alegre, UFRGS.
- LEROI-GOURHAN, A. 1973. *Milieu e Techniques*. Paris, Ed. Albin Michel.
- LEROI-GOURHAN, A. 1988. *Dictionnaire de la Préhistoire*, Paris, PUF.
- MENTZ RIBEIRO, P.A. 1968. Sítios arqueológicos do vale do rio dos Sinos, *Pesquisas*, São Leopoldo, 18: 153-169.
- MENTZ RIBEIRO, PA. *et all.* 1989. Levantamentos arqueológicos na encosta do planalto entre o vale dos rios Taquari e Caí, RS, Brasil. *Resumos das comunicações apresentadas na V Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira SAB*, Santa Cruz do Sul, pp.21.
- MENTZ RIBEIRO, P.A. 1991. *Arqueologia do Vale do rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil*, Tese de Doutorado, Porto Alegre, PUCRS.
- NOELLI, F.S. 1993. *Sem Tekohá não há Tekó (Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)*, Tese de Mestrado, 2 vol., Porto Alegre, PUCRS.
- PALLESTRINI, L. 1983. Superfícies Amplas em arqueologia pré-histórica no Brasil. *Revista de Arqueologia. Museu Paraense Emilio Goeldi*. Vol.1 jul. – dez., pp. 7-19.
- RODRIGUES, J. A missão Carijós – 1605 – 1607 In: LEITE S.1940. *Novas Cartas Jesuíticas (de Nóbrega a Vieira)* São Paulo, Brasiliiana 194, Companhia Ed. Nacional, pp. 196 – 246.
- SCHMITZ, P.I. 1973. Apesquisa arqueológica no Estado do Rio Grande do Sul, *Dédalo*, São Paulo, 17-18: 67-85.
- SILVA F.; NOELLI F.; TOCCHETTO F.; VIETTA K.; COSTA J. F.; SOARES A.; MARQUES K.; CAPPELLETTI A. 1997. O mapa arqueológico parcial e a revisão historiográfica a respeito das ocupações indígenas pré-históricas em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. *Revista de história Regional*. Ponta Grossa, UEPG, pp. 209 – 221.
- SILVA, S.B. 1992. Programa de pesquisas arqueológicas na região de Itapuã (Viamão – RS), *Anais do Curso Porto Alegre: Memória e Identidade*, Porto Alegre, SMC, pp. 17 – 21.
- SPALDING, W. 1939. O município de Porto Alegre, *Boletim Municipal*, 1: 121 – 162.
- SPALDING, W. 1940. História da cidade por dois séculos. In FRANCO, A.; SILVA, M. & SCHIDROWITZ, L.J. (Org.).

SPALDING, W. 1967. *Pequena História de Porto Alegre*, Porto Alegre, Sulina.

FIG.2 ILHA FRANCISCO MANOEL AREA PESQUISADA



FIG.3 área de escavação



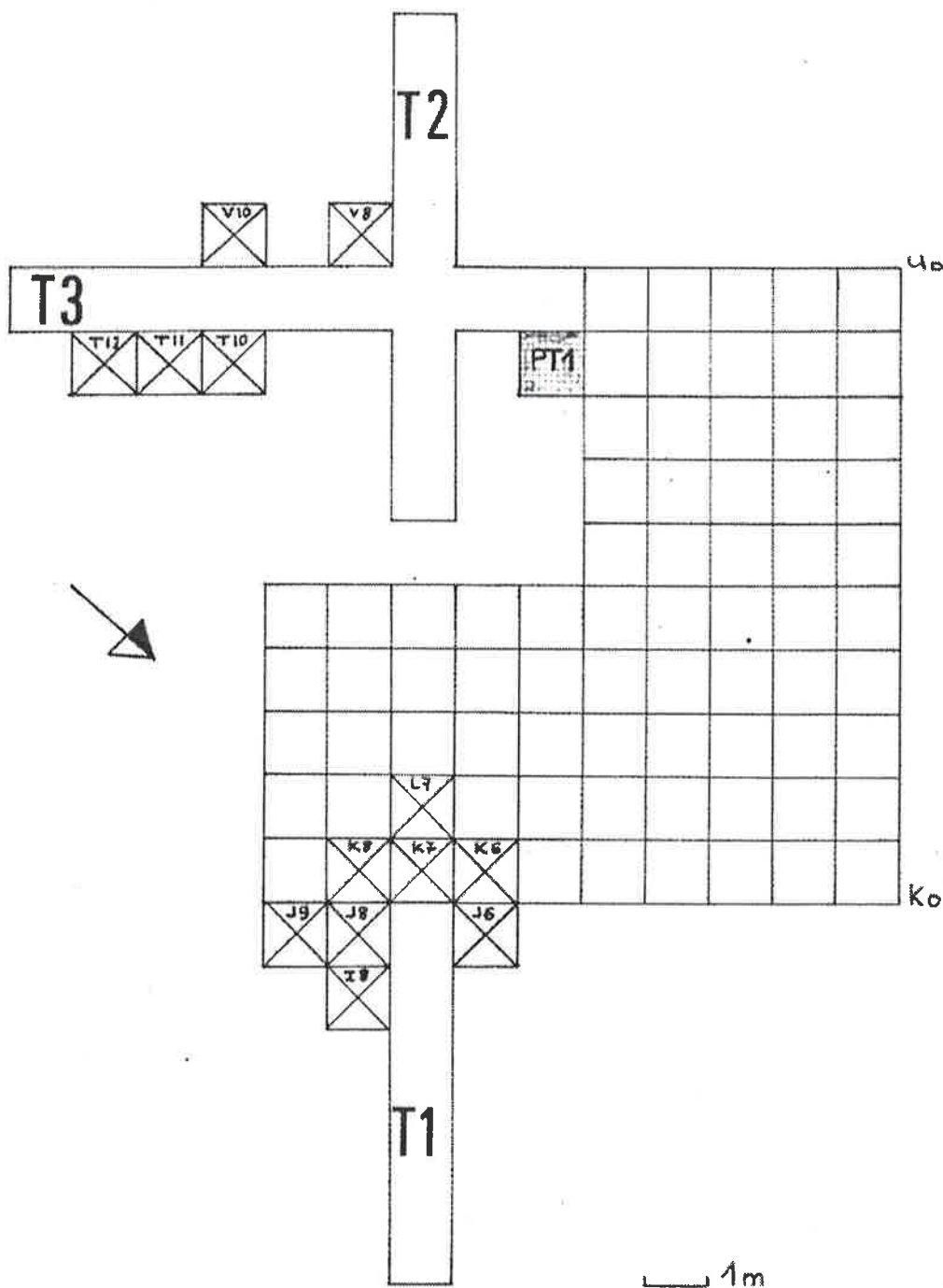


FIG.4 area escavada
detalhe